



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

LUANA DE SOUSA VIANA DAMASCENO

PERSPECTIVAS FEMININAS DE PODER SOBRE A CRISE DA COVID-19: A
RELAÇÃO ENTRE O GÊNERO DE CHEFES DE ESTADO E O RESULTADO DE
SUCESSO

BRASÍLIA, DF

2023

LUANA DE SOUSA VIANA DAMASCENO

PERSPECTIVAS FEMININAS DE PODER SOBRE A CRISE DA COVID-19: A
RELAÇÃO ENTRE O GÊNERO DE CHEFES DE ESTADO E O RESULTADO DE
SUCESSO

Monografia apresentada como requisito
parcial para aprovação na disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso do curso de
Relações Internacionais do Centro
Universitário de Brasília (CEUB).

Orientadora: Professora Me. Fernanda Luiza
Silva de Medeiros

BRASÍLIA, DF

2023

LUANA DE SOUSA VIANA DAMASCENO

PERSPECTIVAS FEMININAS DE PODER SOBRE A CRISE DA COVID-19: A
RELAÇÃO ENTRE O GÊNERO DE CHEFES DE ESTADO E O RESULTADO DE
SUCESSO

Monografia apresentada como requisito
parcial para aprovação na disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso do curso de
Relações Internacionais do Centro
Universitário de Brasília (CEUB).

Orientadora: Professora Me. Fernanda Luiza
Silva de Medeiros

BRASÍLIA, DF
JUNHO DE 2023

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo entender o alcance das perspectivas femininas de poder, conceito trabalhado pelas teorias de gênero de Relações Internacionais, no comportamento dos líderes de Estado. O estudo concentrou-se na atuação de líderes de cinco países durante os seis primeiros meses da pandemia da COVID-19, onde rápidas tomadas de decisão e políticas firmemente aplicadas foram diferenciais dos países que tiveram bons resultados na contenção do vírus que se espalhava rapidamente pelo globo. Concluiu-se que, as tomadas de decisão feitas com o objetivo de preservar vidas, se relacionam com a definição de poder sob as teorias de gênero, que diferenciam a visão do termo “poder” dos conceitos de dominação, violência e masculinidade. Além disso, o estudo evidenciou que o poder enquanto sinônimo de comunicação, transparência e empatia não é algo exclusivo da postura das lideranças femininas, mas também de alguns líderes masculinos. Essa constatação reforçou a tese de que esses comportamentos contribuíram para o sucesso desses líderes no enfrentamento do coronavírus, devido ao sucesso desses líderes em controlar a pandemia em seus Estados. A metodologia utilizada para que tais conclusões fossem encontradas focou no método comparativo, usufruindo não apenas do método da diferença, mas também do método da concordância/semelhança. Ao final, o estudo faz um apelo pela valorização e reconhecimento da importância das perspectivas femininas de poder no âmbito da segurança internacional. A crise sanitária de 2020 destacou a necessidade que o mundo tem de líderes capazes de lidar não apenas com os desafios políticos conhecidos, mas também com situações inesperadas e mudanças cada vez mais repentinas.

Palavras-chave: Teorias de gênero, poder, COVID-19, líderes de Estado, Relações Internacionais.

Abstract: This work aimed to comprehend the scope of feminine perspectives of power, a concept explored within the gender theories of International Relations, on the behavior of Heads of State. The study focused on the actions of leaders from five countries during the initial six months of the COVID-19 pandemic, where prompt decision-making and policy rigidly implemented distinguished countries that achieved positive outcomes in containing the rapidly spreading virus worldwide. It was concluded that decision-making aimed at preserving lives is intertwined with the definition of power according to gender theories, which differentiate the concept of “power” from notions of domination, violence and masculinity. Furthermore, the study revealed that power, read as communication, transparency, and empathy, is not exclusive to female leadership, but can also be observed in select male leaders. This observation reinforced the thesis that such behaviors contributed to the success of these leaders in combating the coronavirus and effectively controlling the pandemic in their respective States. The methodology utilized to reach these conclusions was the comparative method, using not only the method of difference but also the method of similarity. Ultimately, the study advocates for the valorization and

recognition of the importance of feminine perspectives of power within the realm of international security. The 2020 health crisis underscored the necessity for leaders capable of addressing not only known political challenges but also unexpected situations and increasingly abrupt changes.

Keywords: Gender theories, power, COVID-19, Heads of State, International Relations.

SUMÁRIO

RESUMO	4
1. CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	7
2. CAPÍTULO II - TEORIAS DE GÊNERO E MULHERES NO PODER	10
2.1 - OS DEBATES DAS RI	10
2.2 - TEORIAS PÓS-ESTRUTURALISTAS APLICADAS NA GESTÃO DA PANDEMIA	11
2.2.1 - ESTILO FEMININO DE DISCURSO	15
2.3 - AS LÍDERES DE OUTRORA - CONTEXTO HISTÓRICO	17
2.3.1 - NATUREZA PACÍFICA E CONTEXTO DE LIDERANÇA	20
2.4 - PERSPECTIVA FEMININA NO PODER	21
2.5 - CONCLUSÃO	24
3. CAPÍTULO III - COVID-19 E AS RESPOSTAS IMEDIATAS	26
3.1 - NOVA ZELÂNDIA E REINO UNIDO	26
3.2 - NOVA ZELÂNDIA E BANGLADESH	30
3.2.1 - BOTSUANA	33
3.2.2 - AUSTRÁLIA	35
3.3 - ANÁLISE UNIFICADA	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

1. CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Este artigo analisou a influência do conceito de perspectiva feminina de poder nas tomadas de decisões dos líderes de Estado durante a crise da COVID-19. Com tal análise, mensurou o alcance do conceito para além do feminismo nas relações internacionais, buscando conectar, com a questão da segurança internacional, as mudanças necessárias para o mundo do século XXI. O artigo usou teorias de gênero, pós-colonialistas e pós-estruturalistas para criticar a dominação masculina nas discussões teóricas e abordou conceitos como a perspectiva feminina de poder, estilo feminino de comunicação e feminismo pós-estrutural. Em suma, a pesquisa almejou entender o papel dos gêneros no *modus operandi* de líderes nacionais, delimitando a questão para o fenômeno da pandemia.

O foco foi destacar a importância de novos entendimentos sobre o que é poder, e o papel da empatia e da comunicação pacífica no cenário político atual. O artigo também trouxe diferentes noções do conceito de poder, de autores como Hannah Arendt, Foucault, Weber, Tickner e Enloe. Foram abordadas as teorias de gênero em relação ao construtivismo, com o feminismo trazendo uma noção diferente de poder para o processo de construção - como defendem Prugl e Locher (2001).

Como é bastante esclarecido ao longo deste estudo, as características que definem as perspectivas femininas de poder não são exclusivas do gênero feminino, mas sim originárias de um movimento contrário ao poder definido como sinônimo de dominação, violência e masculinidade. Como afirma Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949), “o masculino está investido dos significados de representação da totalidade, ao mesmo tempo em que possui a qualidade de um gênero frente ao outro” (BEAUVOIR, 1949). A conexão entre líderes do sexo feminino e a comunicação pacífica e empática não é, em vista disso, simplesmente uma questão de escolha, ou predeterminação biológica. É o caminho que foi dado às pessoas do sexo feminino, caso quisessem perdurar em um mundo masculino.

Para a análise dos acontecimentos que levaram aos resultados das políticas de contenção da COVID-19 de cada país separadamente, focou-se em uma janela de tempo de

seis meses, de janeiro a junho de 2020. Foi necessária a coleta de dados que miraram na capacidade financeira do Estado de lidar com a crise, sem precisar esperar por apoio internacional, sendo estas a rapidez com que era possível reagir, assim como no engajamento político e na comunicação clara do chefe de governo para com sua população. Dessa forma, a análise pôde levar a uma conclusão sobre o real impacto do gênero na liderança durante a pandemia de 2020.

As diferenças aqui dispostas são comparadas levando em consideração a similaridade entre o PIB do país, obediência da população atrelada à confiança depositada no governo, o investimento no setor de saúde em um período pré-pandemia, dentre outros fatores. A Nova Zelândia possui características distintas de Bangladesh, tendo um resultado positivo no início da pandemia e uma similaridade: uma mulher no poder que tomou uma série de decisões rápidas e efetivas para o controle da pandemia. Já o Reino Unido foi comparado com a Nova Zelândia devido às suas características semelhantes de população, cultura, investimento em um sistema de saúde público, além do fato de ambos serem ilhas - o que torna o isolamento do resto do mundo algo mais fácil. Por fim, dados sobre a Austrália e Botswana mostram clara preocupação e comprometimento com a causa por parte dos governantes de ambos os países.

Além disso, confirma que a diferença entre os bons resultados desses países e os péssimos resultados de países que não levaram a pandemia a sério não se resume ao gênero do líder à frente, mas às características de suas decisões e seu entendimento de poder, controle sobre o próprio país e seu povo, sua ideia de cooperação para com o resto do mundo, e a forma com que se comunicaram. Todas essas características podem ser explicadas pelos conceitos de uma visão alternativa do que é poder - ou perspectiva feminina de poder.

Para que tal pesquisa e análise fossem possíveis, foi utilizado o método comparativo da diferença, para retratar a comparação entre Bangladesh e Nova Zelândia, assim como também foi utilizado o método da semelhança para comparar a Nova Zelândia com o Reino Unido. Ademais, foram acrescentados os casos à parte de Botswana e Austrália a serem analisados como estudos de caso e de análises qualitativas, inevitavelmente utilizando dos métodos comparativos para balanceá-los com os demais países aqui expostos.

A hipótese trabalhada aqui sugere, através das análises e da coleta dos dados, que os efeitos da pandemia poderiam ter sido amenizados caso os líderes de diversos países tivessem se dedicado a responder prontamente aos pedidos das organizações internacionais acerca do rápido crescimento de casos do coronavírus. E, conseqüentemente, a pesquisa fez com que uma luz fosse lançada na padronização do comportamento dos líderes que conseguiram, efetivamente, conter a pandemia em suas nações. O alcance de tal análise chega a um entendimento de que não é mais possível que os países lidem com os problemas mundiais da forma como lidaram no século XX: baseando-se na dominância, agressividade, desconfiança e nacionalismo exacerbado. A cooperação internacional depende não somente de bons acordos e alianças, mas igualmente de líderes capazes e equilibrados, comprometidos com a verdade e com a segurança de seu país acima de tudo.

2. CAPÍTULO II - TEORIAS DE GÊNERO E MULHERES NO PODER

2.1 - OS DEBATES DAS RI

O Estado é o agente principal nas Relações Internacionais, segundo as teorias clássicas. O campo das RI foi criado em 1949, após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de promover e garantir a paz entre as nações. A partir desse ponto, as teorias do realismo e do liberalismo começaram a ganhar força, ao mesmo tempo que se tornavam o conteúdo do campo de RI, e criavam o que foi chamado de Primeiro Debate (JACKSON & SORENSEN, 2018). Durante os primeiros anos desse campo acadêmico, havia a necessidade de explicar o mundo por uma das duas teorias, definindo assim o debate.

Dessa forma, o campo acadêmico foi se modificando ao longo dos anos, dando lugar, após a Guerra Fria, ao Quarto Debate das RI. Nesta fase, havia a urgência de, dentre outros aspectos, atualizar o debate acadêmico para algo que refletisse os problemas sociais, políticos e econômicos que o cenário internacional sofria, e abrindo o leque das origens das teorias acadêmicas para além do eurocentrismo e da influência direta e dominante dos Estados Unidos. Perante teorias que abarcam a decolonialidade e a equidade de gênero, o debate mais atual das relações internacionais pretende entender o mundo sob uma perspectiva de minorias, de países de terceiro mundo e através da visão do mundo pós-estruturalista.

Portanto, com relação à importância dos Estados para as RI, o Quarto Debate não exclui tal premissa totalmente, porém inclui nessa discussão a importância de se trabalhar o impacto de outros agentes, seja os agentes subnacionais, seja OI' s, ONG' s, empresas e, por fim, indivíduos. Não obstante, o Quarto Debate busca explicar a importância que o estudo com foco em indivíduos, como essenciais células na construção de um Estado, têm para a compreensão mais assertiva de todos os eventos, conflitos, decisões e caminhos que os países enfrentam. Quando entramos nas teorias de gênero, portanto, segue-se um caminho alternativo às teorias clássicas.

Líderes de Estado representam a nação através de suas decisões e ações, que são, afinal, o agente de mudanças principal no contexto de relações entre os países. Dado esse fato, não é de surpreender que o gênero, uma variável social que tanto difere a forma como os indivíduos são criados e moldados desde a infância, tenha um grande impacto quando analisado em situações como uma crise sanitária mundial.

2.2 - TEORIAS PÓS-ESTRUTURALISTAS APLICADAS NA GESTÃO DA PANDEMIA

Parafraseando Snyder (2004), a importância de se buscar um apoio no mundo real para as teorias de RI é o que define o presente estudo – sua razão de ser, afinal, é moldar o mundo e buscar evoluir para melhor. Dessa forma, o construtivismo se torna uma porta para o ‘molde’ das relações internacionais, no ponto em que traz para a discussão a necessidade de se entender como as RI influenciam o mundo e o que pode ser feito a partir disso. David Lake, em seu artigo intitulado “Why isms are evil- Theory, epistemology and academic sects as impediments to understanding and progress” (2011), que critica a distância entre as teorias e o mundo real, sugere, em um curto espaço, a mudança da denominação das teorias de gênero e abordagens feministas para algo como “empoderamento político das mulheres”. As palavras usadas para definir uma teoria, afinal, influenciam na maneira como são compreendidas.

A definição de poder, sob uma ótica feminista, difere do conceito de dominação. A razão, porém, não advém de uma explicação biológica sobre o comportamento do sexo feminino. De acordo com Tickner (1988), as mulheres precisam recorrer à cooperação para reduzir sua vulnerabilidade em relação aos homens, em vez de se concentrar no conceito de poder como sinônimo de dominação e violência. A autora argumenta que essa aversão ao poder tradicional é resultado da posição subordinada das mulheres na sociedade, e isso as leva a buscar soluções pacíficas por meio de negociação e diálogo, mesmo em situações de conflito. No entanto, Tickner ressalta que essa não é uma preferência natural das mulheres, mas sim uma maneira de lidar com o que lhes foi imposto.

Tal abordagem pode ser relacionada à forma como a maioria das líderes lida com crises e apresenta diferentes perspectivas para resolvê-las. Com isso, é possível compreender a maneira como as mulheres decidem implementar seu poder enquanto chefes de Estado. Tomando como caso para análise o governo de Jacinda Arden, primeira-ministra da Nova Zelândia de 2013 a janeiro de 2023, é notório o impacto da sua forma de governar, sendo muito similar à maneira como a primeira-ministra de Bangladesh, Sheikh Hasina, lidou com a crise em um primeiro momento. Os dois países diferem na questão econômica e no alcance das medidas sanitárias e do sistema de saúde, mas foi justamente a importância que a primeira-ministra de Bangladesh deu para a questão da COVID-19 que evitou um maior número de mortes. Similarmente, o governo de Arden foi um exemplo de medidas bem implementadas e responsabilidade, características que foram somadas à alta capacidade do país de se equipar tecnologicamente contra o vírus, que se tornou uma vantagem imprescindível no combate à pandemia.

No entanto, como é possível observar no caso do Reino Unido, que tem características comuns à Nova Zelândia, ser um país rico, com sistema de saúde básico ou com vantagem geográfica, não foi o suficiente para frear a pandemia sem intervenção governamental. A princípio, esperava-se um desempenho similar do Estado inglês em relação à Nova Zelândia dadas suas similaridades, mas, como pôde ser observado em uma matéria de 13 de dezembro de 2020 para a Rede Brasil Atual, foi registrado um total de 1.282 óbitos/milhão de habitantes em comparação aos 2.092 casos na Nova Zelândia, em uma data próxima: janeiro de 2021.

Ademais, um estudo realizado por pesquisadores da Fundação Fiocruz, buscou responder por que um país com um sistema de saúde universal usado como exemplo pelo resto do mundo foi atingido pela COVID-19 de forma tão brutal. A conclusão foi a de que as “contingências, sobretudo de natureza política, tenham retardado a resposta institucional à situação posta pela pandemia e produzido lacunas entre as experiências institucionais progressas e as ações implementadas” (OLIVERA, S. C, e QUEIROZ, L. F. N, 2022). Todavia, apesar disso, o Reino Unido foi capaz de retomar o controle da situação através, principalmente, do “caráter e universal do sistema de saúde do Reino Unido”.

Em relação à governabilidade, é possível citar países bem-sucedidos no combate à COVID-19 justamente pela proximidade que suas medidas tiveram com a visão feminina de liderança e poder, sendo a razão principal pela qual nações como Austrália e Botswana tiveram poucos casos da doença e uma política bem programada desde o início da pandemia.

A perspectiva feminina do poder, como conceito, abrange diversos autores que buscaram definir e delimitar o que é poder sob uma visão livre da compreensão masculina. Primeiramente, é preciso encontrar a definição de poder, que são diversas a depender do autor que a discute (ALLEN, 1996). Para alguns, por exemplo, poder é a capacidade de manipular o comportamento de outrem, enquanto outros afirmam que poder vem da liberdade de ação. Outra definição amplamente utilizada é a abordagem de Max Weber, que define poder como sendo “a probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, mesmo contra toda resistência.” (WEBER, 1922). Weber defendia, ainda, que “poder” e “dominação” são conceitos que pertencem a polos opostos de uma mesma esfera. Dessa forma, “enquanto o poder é o exercício da vontade sobre os indivíduos, a dominação é a aceitação e a subordinação dos indivíduos ao poder exercido por alguém” (WEBER, 1922).

Michel Foucault, por sua vez, inclina-se para algo em torno da primeira definição apresentada de poder, a de influenciar o outro, afirmando que “se falamos de estruturas ou de mecanismos de poder, é apenas na medida em que supomos que certas pessoas exercem poder sobre outras” (1983). Foucault conclui que o poder vem de todos os lugares, estando assim enraizado nas entranhas da sociedade, e não apenas concentrado na soberania do Estado. Tal definição foi importante não somente para a evolução de debates sobre o poder dos governantes sobre o povo e vice-versa, mas também para novas perspectivas feministas de poder e, principalmente partindo do movimento feminista pós-estruturalista. Foucault critica análises prévias do poder, como as análises marxistas e freudianas, por assumirem que o poder é necessariamente repressivo (1977). Apesar de concordar que por vezes o poder funciona como meio para repressão, ele mantém-se na ideia de que é primariamente produtivo, afirmando que “poder produz; produz realidade; produz domínio de objetos e rituais da verdade” (1977).

Não obstante, Hanna Pitkin afirma que “poder é capacidade, potencial, os meios de se fazer algo” (PITKIN, 1972). Outrossim, Hannah Arendt define poder como a capacidade dos seres humanos de agirem com um propósito em comum, por meio da associação e da discussão. Arendt argumenta que o poder não é sinônimo de opressão, e sim da possibilidade de “viver na pluralidade, com a busca constante de resoluções de problemas e dificuldades em comum, visando ao interesse de uma mesma comunidade”. Ela também distingue o poder de conceitos como autoridade, força, violência, concluindo que o poder é um fim em si mesmo (ARENDR, 1970).

A parcialidade em diversos campos científicos, em vista disso, apresenta a necessidade e a importância do feminismo, que é, para Joan Scott, como “uma intervenção estratégica em um conjunto de discursos que não se restringem às mulheres” (SCOTT, 2010, p.225). Scott afirma que o feminismo pós-estruturalista entende o gênero como um conceito socialmente construído, e critica o universalismo, binarismo e racionalismo iluminista. Scott defende a necessidade de teorias que abarquem a diversidade em vez de unidades e universais, rompendo com esquemas binários e hierárquicos.

Assim, vê-se a importância da implementação de conceitos como as perspectivas femininas de poder em questões de segurança internacional. Como puderam constatar as análises deste estudo, a serem apresentadas posteriormente, a desconfiança que permeou as decisões e os discursos de diversos presidentes com relação à OMS e suas diretrizes para contenção da COVID-19, foi responsável pelo fechamento tardio das fronteiras em países como EUA e Brasil. Como consequência, o alastramento do vírus ocorreu de forma descontrolada em ambas as nações. Não seria errôneo supor que o fator-chave para barrar o vírus, que se espalhava vertiginosamente através do globo, fosse um(a) líder diligente, confiante e ciente da importância da interdependência internacional para seu próprio Estado.

Na Segurança Internacional, o feminismo pós-estruturalista questiona a masculinização dos Estados e a invisibilização de sujeitos que não performam uma masculinidade heteronormativa em contextos de guerra e conflito armado (ELSTHAIN, 2005; KRONSELL, 2006; WILCOX, 2009; apud FAUSTINI et al, 2021). Tal vertente do

feminismo também traz para o centro das análises o discurso, entendido como estruturas de representação histórica, social e institucionalmente específicas (STERN, 2016).

Jean Baker Miller afirma em “Women and Power” (1992) que “o entendimento feminino pode trazer toda uma nova compreensão para o conceito de poder”. Diferentemente de Weber, Miller distingue o poder da dominação; em vez disso, ela define o poder como “a capacidade de produzir mudanças - isto é, mover algo do ponto ou estado A para o ponto ou estado B”. Além disso, na visão de Miller, o poder visto como dominação é uma visão particularmente masculina, sendo sob a perspectiva feminina, uma possibilidade de realçar, e não diminuir, o poder de outros” (1992).

Similarmente, ao entrevistar algumas mulheres no meio político sobre a questão de poder, Jane Blankenship e Deborah C., pesquisadoras e autoras do artigo “‘Feminine style’; in women's political discourse: An exploratory essay” , publicado na revista acadêmica *Communication Quarterly*, observaram semelhanças nas respostas: para a maioria, poder é a capacidade de fazer as coisas acontecerem.¹

2.2.1 - ESTILO FEMININO DE DISCURSO

Ao discutir características do estilo feminino de discurso, Jane Blankenship e Deborah C. encontraram cinco elementos principais: basear julgamentos políticos em experiências concretas e vividas; valorizar a inclusão e a natureza relacional do ser, compreendendo a importância que a conectividade natural entre as pessoas e as relações interpessoais têm para o papel político que possuem; abordar a formação de políticas de forma holística; e trazer questões e pautas sobre mulheres para a vanguarda da arena pública (BLANKENSHIP et al., 1995). Tais diferenças podem ser observadas na forma como líderes mulheres lidaram com a pandemia da COVID-19, ao priorizar a biossegurança da população e preferir arriscar a economia do país ao fechar o comércio e, em alguns casos, aeroportos e portos marítimos; ao procurar um contato mais humanizado com as pessoas, como fez Jacinda Ardern, primeira-ministra da Nova Zelândia, ao fazer lives pelo Facebook com o intuito de informar sobre a situação da COVID-19; e ao buscar implementar políticas e diretrizes de forma prática e objetiva, como a primeira-ministra de

¹ “Power is the ability to get things done.”

Bangladesh, Sheikh Hasina. Além disso, líderes femininas buscam implementar políticas e diretrizes de forma prática e objetiva, como a primeira-ministra de Bangladesh, Sheikh Hasina. Embora alguns líderes homens também apresentem comportamentos associados a elementos femininos, como constatado pelos estudos de Blankenship, o estilo feminino de discurso está se solidificando no cenário político e sendo adotado por líderes homens que reconhecem sua eficácia. Exemplos incluem o discurso pacífico do primeiro-ministro da Austrália, Scott Morrison, e sua resposta rápida à COVID-19, bem como a ativa luta contra o vírus por parte do presidente de Botsuana em 2020, Mokgweetsi Masisi.

Jacinda Ardern combateu a COVID-19 através de medidas sugeridas por órgãos científicos internacionais, e buscando seguir a implementação de planos de ações rígidos de isolamento social, além do fechamento das fronteiras o mais rápido possível, e o fechamento de negócios não oficiais. A principal estratégia bem-sucedida foi a conscientização da população através da comunicação clara e repleta de orientações, levando o país a cooperar com o senso de coletivo. Seu estilo de discurso é populista, e levou à colaboração da população. Um detalhe importante que difere o discurso de Jacinda dos outros discursos populistas, porém, é a ausência de implantar a ideia de “eles”, afirmando a existência de adversários; ela foca na empatia e na construção do “nós”, reafirmando valores como companheirismo, responsabilidade, gentileza e gratidão.

Neste artigo, são apresentados elementos no discurso da primeira-ministra da Nova Zelândia que enfatizam três aspectos relevantes: empatia, economia e a ciência. Jacinda busca em sua comunicação aproximar-se do cidadão, promovendo a ideia de colocar-se no lugar do outro, para criar o senso de comunidade através da compreensão do outro. Em seus anúncios oficiais, é comum o “reforço do papel do coletivo”, principalmente com relação a aspectos de ajuda ao próximo. E, ainda, buscando alcançar a todos os neozelandeses, independente da vertente política.

As poucas líderes do sexo feminino atuais concentram-se, majoritariamente, em países desenvolvidos, nos quais a política de equidade de gênero já alcançou novos patamares, e a educação da população quanto ao tópico já reflete em seus representantes. E essas poucas líderes mostram, de forma geral, características analisadas por estudiosos que podem ter sido a razão pela qual foram tão bem-sucedidas nas campanhas contra a COVID-19, e tais características estão, segundo os mesmos estudiosos, associadas ao

gênero feminino. Um ponto a se acrescentar, porém, é o de que tais aspectos ‘femininas’ podem também serem encontradas no *modus operandi* em governos de líderes homens. É o caso, por exemplo, de Botswana e Austrália. Mais adiante, será abordado o modo como ambos os países operaram em relação à crise sanitária de forma mais detalhada.

É curioso analisar que, segundo dados do site de pesquisa britânico Our World in Data, o primeiro país a reagir à ameaça da COVID-19 não foi a China, origem do vírus, e nem mesmo Taiwan ou Nova Zelândia, países considerados modelos pela rápida resposta à pandemia. O primeiro país a iniciar os discursos de alerta à futura crise sanitária foi Botswana, país localizado no sul da África. Logo em seguida, Taiwan, China e Nova Zelândia começaram a propagar discursos inquietos e apreensivos em relação à situação, apenas para alguns dias depois, todos estarem ativamente envolvidos em campanhas coordenadas com ampla capacidade de expansão de informações. Enquanto países como o Brasil só buscaram o comprometimento com a causa após a declaração oficial de pandemia, feita no dia 11 de março de 2020 pelo então secretário-geral da ONU, António Guterres, países como Botswana, que mostrou sua preocupação sendo o primeiro país africano a apresentarem campanhas coordenadas de informação, engajou desde o primeiro momento contra a COVID-19.

2.3 - AS LÍDERES DE OUTRORA - CONTEXTO HISTÓRICO

Em 1558, o Tratado intitulado “O Primeiro Toque de Trombeta contra o Monstruoso Governo de Mulheres”, escrito por John Knox, buscou analisar o governo de mulheres como Maria Tudor, Maria Stuart, Elizabeth I, Maria de Guise e Catarina de Médici, chegando à conclusão de que todos eram inconstantes, instáveis e problemáticos. Tal estudo trazia a ideia de que mulheres em posições de liderança era algo inconcebível do ponto de vista de um estudo sério, respaldado pela credibilidade do autor, o que trazia incontestabilidade para a análise feita. E assim como este estudo, diversos outros foram publicados com respaldo ‘científico’ e justificativas aceitáveis para a mentalidade da época.

Segundo a historiadora Lucy Wooding, Maria I teria sido vítima de descrições misóginas acerca de seu governo. Ao mesmo tempo que era considerada “vingativa e

feroz”, também era vista como “covarde e fraca”, adjetivos a serem encaixados dependendo do momento e da decisão tomada, correndo o risco de serem contraditórios. Independente da posição, a repercussão era sempre negativa e relacionada ao seu gênero. Sua rejeição ao Catolicismo, por outro lado, teve também um grande papel nas críticas ao seu governo. Para Hargrave, a perseguição foi algo ‘sem precedentes’, sendo anormalmente cruel e violenta. Conhecida por queimar homens e mulheres católicos nas fogueiras, alguns historiadores afirmam que mesmo estas atrocidades passariam despercebidas pela crueldade comum a diversos monarcas da época, sendo destacadas apenas pelo choque de que a violência estava vindo de uma monarca mulher. Da mesma forma, a real motivação de John Knox, católico, para escrever o Tratado sobre as mulheres no trono em geral, estava relacionada à religião. Buscando desmerecer completamente o reinado Maria I, Knox utilizou um argumento que poderia ser facilmente aceito para as concepções da época, sem respaldo científico.

Assim, ainda hoje os efeitos das políticas contra o governo de mulheres são sentidos, pois estão mesclados com a cultura, a história e a tradição da política ocidental. Os argumentos principais giram em torno do fato de que mulheres governam de forma muito distinta dos homens, deixando-se muitas vezes levar por sua ‘natureza frágil e inconstante’. Dessa forma, não são eficientes e não podem, portanto, atingir o mesmo nível de excelência de um líder do sexo masculino. E ainda que com os anos essa visão tenha mudado, a baixa proporcionalidade de mulheres para homens como líderes de Estado mostra que a maior parte dos países ainda possui uma mentalidade atrasada em relação ao gênero de seus líderes. A falta de incentivo de mulheres à carreira política, as dificuldades de ascender profissionalmente, e a falta de mais candidatas que representem seu povo - não apenas poucas opções para serem eleitas, como foi o caso das últimas eleições brasileiras, em 2022, que tiveram duas candidatas com direito a aparecerem no debate televisionado, para quatro candidatos homens; todos esses fatores colaboram para a perpetuação da desigualdade de gênero no cenário político.

Ainda que as características de identidade de gênero impostas de forma tirana para as mulheres não as represente num todo, a ideia que a sociedade faz de características femininas, no quesito da política e da liderança, serviram de vantagem durante um período específico da História, ainda que não tenha sido reconhecida até muito recentemente: em

registros do Egito Antigo, é possível encontrar evidências da confiança do povo em mulheres regentes e rainhas em tempos de crise.

A arqueóloga Kara Cooney afirma que os egípcios antigos acreditavam na sabedoria das mulheres no poder. Caso ocorresse uma crise política, uma mulher era escolhida para preencher o vazio deixado por um rei deposto, por exemplo.

Segundo registros, o costume foi iniciado pela esposa do faraó Narmer, Neithhotep (c. 3150-2600 a.C.), que governou após a morte do marido como regente do seu filho, Hor-Aha. No mesmo período, há registros da regente Merneith (c. 2990 a.C), esposa de Djjet, que governou em nome do seu filho, Den. Para os egípcios, ter uma mulher no poder em tempos de crise trazia estabilidade. Hatshepsut, filha e esposa de Tutmés I, governou o Egito sob uma era de prosperidade econômica e paz, sendo responsável pelo comércio bem-sucedido (expedição à Terra de Punt), campanhas militares e grandes construções monumentais, como a ampliação do Templo de Amon, em Karnak (BOONEY, Kara, 2018).

Além das regentes, é possível também constatar a influência e importância do papel da Grande Esposa Real, com seu poder político e diplomático que exerciam junto ao faraó. Entre elas, estão Tiye, esposa de Amenófis III (18ª dinastia, século XIV a.C), Nefertari, esposa de Ramsés II (19ª dinastia, século XIII a.C), Nefertiti, esposa de Amenófis IV (18ª dinastia, século XIV a.C), etc.

Outras mulheres a serem consideradas como notáveis são Cleópatra VII (69-30 a.C), a rainha-faraó mais conhecida, e Hipátia de Alexandria (c. 370-415 a.C), filósofa, matemática e astrônoma que lecionou e dirigiu a Academia de Alexandria, frequentada somente por homens. Hipátia era respeitada por seus conhecimentos e pela sua genialidade, e infelizmente foi assassinada por conta de disputas políticas e pelo fanatismo religioso da época. Após 3000 anos de história em que a mulher ocupou uma posição de respeito no Egito, a morte de Hipátia marcou o fim dessa era (BOONEY, Kara, 2018).

Pode-se constatar que ao longo dos séculos de monarquias, impérios e diversos sistemas de governo, os costumes apresentaram variações muitas vezes antagônicas. O elo em comum, porém, dentre todas essas eras da humanidade, está na falta de controle da mulher sobre a própria vida e sobre a própria existência: desde as rainhas regentes do Egito, passando pelas rainhas egípcias que ganharam o direito de governarem com total poder, até

as rainhas da era Tudor que, ainda que obtivessem mais legitimidade oscilando entre a ascendência divina da realeza e a fraqueza do gênero. Durante muito tempo, o exercício de poder não era considerado um lugar para mulheres, visão que só foi modificada a partir do século XV, com Isabel I de Castela. E, apesar da abertura feita pela rainha Isabel I, a mulher ainda precisava tomar cuidado redobrado com erros cometidos, pois seriam automaticamente relacionados com o sexo feminino e a 'fraqueza' correspondente.

É possível concluir, portanto, que a história está marcada por idas e vindas no quesito gênero, com períodos de incentivo à mulher para com o poder, e períodos de abominação completa de governantes mulheres. O que se mantém, no fim, é a falta de autonomia feminina sobre seus próprios governos. As governantes estavam sempre lutando para se manter no poder, jogando ora como seus inimigos - agindo como um homem -, ora se utilizando da própria vulnerabilidade social para simular despreparo e assim conseguir apoio por compaixão - caso da rainha Isabel. O governo em si era uma luta contra seu gênero, e pouco tempo sobrava para agir e viver como uma soberana.

2.3.1 - NATUREZA PACÍFICA E CONTEXTO DE LIDERANÇA

Ainda que a pesquisa se incline para a afirmação de que mulheres possuem, por questões culturais e históricas, uma tendência social a serem pacifistas e buscarem soluções diplomáticas, evitando conflitos e respeitando organismos internacionais, é importante esclarecer que isso se aplica estritamente ao campo de liderança política. Em um contexto de poder, em que precisam demonstrar precisão, confiança e assertividade, para igualar-se aos demais chefes de Estado do sexo masculino, isso não se aplica à biologia do sexo feminino ou qualquer definição semelhante; pelo contrário, o sexo feminino apresenta os mesmos instintos violentos quando analisados sob o contexto de guerra. Alguns exemplos consideráveis a serem tratados rapidamente são o caso das guerreiras de Daomé, das Candaces, no reino da Núbia, e diversos exércitos mistos - como no Sri Lanka ou na Pérsia -, ou formados inteiramente por mulheres, que se igualavam aos exércitos masculinos em habilidade, bravura e, muitas vezes, crueldade (SUGUIAMA, 2019). A História, porém,

segue a narrativa europeia. E na Europa o ‘normal’ era que mulheres e guerras não se misturassem, por serem considerados conceitos opostos.

As Guerreiras de Daomé, também conhecidas como “Dahomey Amazons”, foram uma unidade militar composta apenas por mulheres que serviu o Reino de Daomé entre os séculos XVII e XIX, localizado na região onde atualmente encontra-se Benim, na África Ocidental. As guerreiras eram treinadas desde a infância em artes marciais, táticas de guerra e técnicas de caça e sobrevivência. Elas lutaram em batalhas para proteger o reino de invasões estrangeiras, bem como para expandir o território de Daomé. Eram temidas por sua bravura, habilidade de luta e ferocidade no campo de batalha.

A narrativa tradicional lança sobre a contemporaneidade uma ausência ensurdecadora do papel das mulheres nos conflitos geopolíticos do mundo. Quando os europeus se depararam com indivíduos como as guerreiras de Daomé, que não se encaixavam na realidade compreendida pelo Velho Mundo, buscaram defini-las a partir dos próprios parâmetros, com relatos etnocêntricos e frutos de uma sociedade construída sobre o patriarcado (SUGUIAMA, 2019).

2.4 - PERSPECTIVA FEMININA NO PODER

Em sua crítica à concepção masculina de poder, que envolve “autoridade de Estado, polícia e forças armadas, controle dos recursos econômicos, tecnologia, e hierarquia e cadeia de comando”, Sarah Hoagland defende o poder sob uma perspectiva feminista como sendo “relacionado à capacidade de escolha e engajamento; criatividade; sendo assim um algo transformador, não controlador” (1988, 114). O poder pode ser visto, por conseguinte, como uma força positiva, otimista e empoderada que contrasta gritantemente com o poder entendido como similar a dominação, controle ou imposição de vontades sobre outros.

O governo de Jacinda Ardern buscou orientar a população de forma clara, com informações e atualizações responsáveis. Um fator importante a se considerar é o fato de que a Nova Zelândia é uma ilha, e, por seu isolamento natural, poderia conter a COVID mais rapidamente que em outros lugares. Porém, é possível comparar a situação do país com o Reino Unido, também uma ilha, que, apesar de ter isolamento do continente, não

obteve os mesmos resultados. Além disso, a colaboração da população é crucial nesse momento. E, devido aos constantes contatos da primeira-ministra com o povo, em lives nas redes sociais e orientações claras sobre como prosseguir, assegurando controle da situação e demonstrando uma calma diante de algo desconhecido, é que a população se sentiu encorajada a manter-se em distanciamento social.

A primeira-ministra de Bangladesh durante a COVID-19, Sheikh Hasina, tomou diversas medidas importantes em 2020 e 2021. Ainda em março de 2020, ela suspendeu as viagens internacionais, impôs uma quarentena obrigatória para viajantes que entrassem no país, e restringiu eventos sociais e lotação em transportes públicos. Sua resposta foi imediata e firme, alegando prioridade máxima à segurança da população e ao risco que uma crise sanitária traria a um país populoso (165 milhões de pessoas) com grandes dificuldades financeiras. Mesmo com menos recursos que países como Nova Zelândia, Bangladesh buscou implementar a expansão dos testes de COVID-19 e expandiu a capacidade de rastreamento de contatos para identificar e isolar rapidamente as pessoas que estiveram em contato com os indivíduos infectados.

Ao compararmos a seriedade com que as políticas contra a COVID-19 foram implementadas por essas líderes, os fatores que destacam são a forma como encaram a crise e o respeito que tiveram pela saúde e segurança da população. Em contraste, tivemos líderes de países como Estados Unidos e Reino Unido, que, apesar de obterem recursos financeiros suficientes para controle da pandemia, não levaram a sério recomendações da OMS e de outros países. Ao tratarem a situação sob uma perspectiva realista, como se o objetivo dos demais Estados fosse prejudicá-los, os EUA, Brasil, dentre outros, negligenciaram a gravidade do vírus e negaram-se a agir com precaução e rapidez.

Já outros Estados, como a Austrália, agiram de forma semelhante à Nova Zelândia e Bangladesh, e obteve assim resultados bem-sucedidos. Scott Morrison é o atual primeiro-ministro da Austrália e liderou o país durante a pandemia de COVID-19 em 2020. Entre as ações tomadas por seu governo, destaca-se o fechamento de fronteiras para viajantes internacionais em março de 2020, antes de muitos outros países adotarem medidas semelhantes, medidas de distanciamento social, como o fechamento de escolas e empresas não essenciais, e o lançamento de um pacote de estímulo econômico no valor de AUD 17,6

bilhões para mitigar o impacto da pandemia na economia australiana. O pacote incluía benefícios para empresas e trabalhadores afetados pelo fechamento de negócios não essenciais. O governo australiano também aumentou a capacidade de testes e rastreamento de contatos, além de implementar restrições mais rigorosas em áreas com alto número de casos. A resposta do governo australiano foi amplamente elogiada por especialistas em saúde pública, e a Austrália tem sido relativamente bem-sucedida em controlar a disseminação da COVID-19.

O governo do Reino Unido, por sua vez, enfrentou uma série de desafios e críticas em relação à sua resposta à crise sanitária, por ter demorado a tomar medidas de distanciamento social, como o fechamento de escolas e empresas não essenciais, e por não ter estabelecido medidas rigorosas de rastreamento de contatos. O país também teve dificuldades em fornecer equipamentos de proteção individual (EPIs) suficientes para os profissionais de saúde, além de ter sido criticado por sua estratégia de testagem em massa, e ser acusado de falta de transparência na comunicação de informações relacionadas à pandemia - o que contribuiu para a desconfiança da população em relação às suas ações.

Após o choque inicial, porém, é importante ressaltar que o Reino Unido teve um papel importante no desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19, com a vacina da AstraZeneca/Oxford sendo desenvolvida em parceria com a Universidade de Oxford e fabricada em larga escala no Reino Unido. O país também foi um dos primeiros a iniciar a vacinação em massa contra a COVID-19 em dezembro de 2020. Apesar das críticas iniciais, o governo britânico implementou medidas mais rigorosas em resposta ao aumento de casos e mortes no final de 2020, incluindo um segundo lockdown nacional em novembro e um sistema de restrições baseado em níveis de risco em dezembro. Com isso, é notável que o governo tinha recursos suficientes para lidar com uma pandemia, faltando apenas o interesse e estratégia alinhada com as diretrizes da OMS.

Por fim, podemos citar o caso de Botswana, um dos primeiros países do mundo a fechar suas fronteiras, ainda em janeiro. O governo tomou diversas medidas para conter a disseminação do vírus, incluindo a suspensão de eventos públicos e a implementação de medidas de distanciamento social. Investiu em campanhas de conscientização pública sobre a importância do uso de máscaras, lavagem das mãos; foram estabelecidas restrições de

circulação de pessoas em algumas cidades, com horários específicos para atividades como compras em supermercados. O governo também investiu na expansão da capacidade de testagem e rastreamento de contatos, além de disponibilizar tratamento gratuito para aqueles que testaram positivo para a COVID-19. As autoridades botswanesas se esforçaram para garantir que os recursos e suprimentos de saúde necessários fossem disponibilizados em todo o país, incluindo equipamentos de proteção individual para os profissionais de saúde. Devido a essas ações, Botswana relatou relativamente poucos casos e mortes por COVID-19 em comparação com outros países africanos. No entanto, o país também sofreu com os impactos econômicos da pandemia, especialmente na indústria do turismo, que é uma fonte importante de receita.

2.5 - CONCLUSÃO

Para a análise de cada caso citado neste capítulo, foi utilizado o método comparativo entre Nova Zelândia e Bangladesh, através do método da semelhança/concordância, e entre Nova Zelândia e o Reino Unido, através do método da diferença. Grande parte da concepção do método comparativo se deve a John Stuart Mill, em seu estudo “Sistema de Lógica Dedutiva e Indutiva” (1843). Nesta obra, Mill se dedicou a definir duas formas básicas de métodos de pesquisa experimental, sendo eles: o primeiro método sendo responsável por comparar diferentes casos em que o fenômeno ocorre, e o segundo se referindo a casos em que o fenômeno não ocorre (1843).

Por meio do método da semelhança, é possível estudar dois casos que se distinguem na maioria das variáveis coletadas - menos em uma, o que a destaca como a resposta para certa questão. Para Mill, o método da semelhança busca por cenários diferentes em que houve um mesmo resultado/variável. Portanto, a utilidade de tal forma de observação é compatível com a comparação Nova Zelândia X Bangladesh. Já o segundo método a ser utilizado, o da diferença, busca avaliar dois casos que contêm diversas semelhanças, e estas são dispostas como variáveis similares, destacando uma diferença apenas, que se torna então a justificativa para a resposta requerida.

O capítulo posterior se dedicou a expor dados de cinco países, da seguinte forma: Nova Zelândia, Bangladesh e Reino Unido, sendo os últimos dois comparados, em seções distintas, com a Nova Zelândia, e em seguida duas subseções dedicadas a analisar a performance de Botsuana e Austrália, países liderados por homens, que obtiveram resultados positivos.

3. CAPÍTULO III - COVID-19 E AS RESPOSTAS IMEDIATAS

Este capítulo teve por objetivo expor e analisar os dados levantados acerca do desempenho dos países abordados neste estudo durante os primeiros meses da pandemia de COVID-19. Para tal, foram selecionados dados que possam fornecer uma explicação objetiva para alguns dos resultados apresentados pelos países, sem favorecer nenhum deles em particular.

Inicialmente, foram analisados os dados mais abrangentes, como PIB, IDH, densidade demográfica e extensão territorial. Indo mais a fundo na análise, foram coletados também dados a porcentagem de votos recebidos nas últimas eleições pelos líderes em atuação durante o ano de 2020, estabilidade econômica, a saúde da população, com dados apanhados pelo site Dados Mundiais, leitos hospitalares por 1000 habitantes, e, por fim, quantidade de médicos por 1000 habitantes. Nesse sentido, é relevante ressaltar a importância da análise do PIB e do IDH, pois representam a capacidade do Estado de se estabelecer economicamente em situações adversas, como, no caso estudado, uma pandemia.

Em seguida, foram apresentados dados retirados do Index Mundi sobre o investimento de cada país analisado em saúde pública entre os anos de 2009 a 2017. Por fim, em um recorte de tempo de janeiro a junho de 2020, o último quadro compara a primeira contaminação e a primeira morte de cada país, assim como o número total de falecimentos em razão da COVID-19.

3.1 - NOVA ZELÂNDIA E REINO UNIDO

Os dados apresentados na tabela abaixo demonstram, de forma objetiva, a situação socioeconômica de cada país analisado no ano de 2020. Os dados se referem, em geral, à economia, estabilidade econômica e ao setor de saúde.

Como exposto anteriormente, a comparação entre Nova Zelândia e Reino Unido é feita a partir do método da semelhança, objetivando demonstrar similaridades factuais, como PIB, IDH, densidade demográfica, e os demais dados disponibilizados abaixo. No

entanto, apesar das convergências numéricas, destaca-se o resultado destoante das políticas aplicadas para minimizar o efeito do vírus da COVID-19 nos primeiros meses de 2020.

Quadro 1 - Dados gerais (2020)

DADOS	NOVA ZELÂNDIA	REINO UNIDO
PIB	211,7 B (USD)	2,705 trilhões (USD)
IDH	0,936	0,929
densidade demográfica	19,1 hab/km ²	252,2 hab/km ²
extensão territorial	267.710 km ²	242.495 km ²
votos nas últimas eleições	36%	56.51%
estabilidade política	90	77
saúde	81	78
leitos hospitalares/1000 pop.	2,57	2,46
médicos/1000 pop.	3,03	2,81

Fonte: Dados Mundiais, 2020.

Como pode ser constatado a partir dos dados expostos acima, ambos os países são semelhantes nas características econômicas gerais, assim como nos votos que receberam nas últimas eleições e na estabilidade política – com o Reino Unido apresentando uma boa média, ainda que significativamente mais baixa do que a Nova Zelândia.

A porcentagem de votos com que o líder foi eleito demonstra sua aceitação na população e uma tendência à obediência e confiança em caso de uma situação grave como a que surgiu em 2020. No caso dos dois países aqui analisados, ficou claro que a primeira-ministra da Nova Zelândia não possuía grande aceitação, enquanto o

primeiro-ministro do Reino Unido havia conquistado seu posto de forma mais garantida. O resultado poderia apontar para uma relação entre a aceitação e a confiança, porém, isso se provou ocorrer justamente ao contrário.

Portanto, pode-se indicar um esforço maior por parte da primeira-ministra neozelandesa em unir o país sob sua governança, devido à baixa adesão populacional. A estabilidade política, por sua vez, busca entender o clima político do país, que envolve outros fatores para além das eleições dos líderes de governo. Novamente, tal fator poderia auxiliar na confiança da população para com seu líder.

Os demais dados são relacionados ao investimento no setor de saúde pública, focando na estatística geral com relação à saúde do país, e na disponibilidade de leitos e médicos a cada 1000 habitantes. Está claro, portanto, que ambos os países possuem números adequados e que poderiam significar uma boa resposta à COVID-19.

Quadro 1.2 - Sistema de saúde público (% do PIB)

ANO	NOVA ZELÂNDIA	REINO UNIDO
2009	9,7	9,3
2011	10,1	9,3
2014	11	9,1
2015	9,3	9,9
2017	9,2	9,6

Fonte: Index Mundi, 2020.

Segundo o site Index Mundi, o gasto com saúde é definido por “atividades realizadas por instituições ou indivíduos através da aplicação de conhecimento e tecnologia médica, paramédica e / ou de enfermagem, cujo principal objetivo é promover, restaurar ou manter a saúde”.

No Reino Unido, dos 67 milhões de habitantes, 90% são beneficiados com o NHS (National Health System). O NHS é considerado um dos melhores sistemas de saúde gratuitos do mundo. Na Nova Zelândia, o sistema de saúde pública é de baixo custo e referência mundial em qualidade. O sistema fornece consultas e tratamentos gratuitos em diversos casos, enquanto outros cobram uma taxa, com o valor oscilando de acordo com cidade, clínica e horário. Os medicamentos são vendidos a preços tabelados, sem exceção, o que diminui o valor e facilita o acesso da população.

Para esta tabela, foram analisados dados do Index Mundi, de 2009 a 2017, com relação à porcentagem do PIB referente ao investimento na saúde pública. Tal investimento não se refere à ação dos líderes que combateram a pandemia, visto que os dados são de uma média de 10 anos anteriores, porém o objetivo é analisar a importância que partidos anteriores haviam dado para esse setor, o que afeta no alcance das ações dos líderes na época da pandemia, assim como na saúde da população em geral. Como pôde ser constatado, ambos os países gozam de um bom histórico de investimento neste setor em específico. Portanto, com relação a esse fator, ambos tinham capacidades semelhantes de lidar com a crise sanitária.

Quadro 2 - Dados da pandemia (2020)

DADOS	NOVA ZELÂNDIA	REINO UNIDO
data da primeira contaminação	28 de fevereiro	31 de janeiro
número de casos de janeiro a junho de 2020	1.178	312.654
mortes por COVID-19 de janeiro a junho de 2020	22	43.634

Fonte: WHO, 2020.

Por fim, para finalizar a análise entre os dois países pelo método da semelhança, uma terceira tabela se fez necessária, reunindo dados com relação direta à pandemia, sendo esses o dia da primeira contaminação, o número de casos e o número de mortos, em uma janela de tempo de janeiro a junho de 2020. Através dos dados coletados, é possível inferir a discrepância entre os resultados de ambos os países, com o Reino Unido apresentando um resultado fora de escala com relação à Nova Zelândia. A similaridade entre as nações deixa claro que a situação registrada no país britânico poderia ser diferente, pois haviam plenos recursos para lidar com a circunstância. Mais adiante, portanto, serão elucidados os motivos para tal resultado, conectando com os conceitos trabalhados no capítulo I.

3.2 - NOVA ZELÂNDIA E BANGLADESH

Com relação à uma comparação de uma nova análise com o método da diferença, foi comparada a Nova Zelândia com Bangladesh. Por meio dessa contraposição, foi constatado como a Nova Zelândia obteve resultados mais positivos com relação à Bangladesh principalmente por questões financeiras, assim como pelo investimento feito ao longo dos anos no setor de saúde pública. Ademais, constatou-se que os esforços da primeira-ministra bengali, Sheikh Hasina, foram as defesas principais do país contra a COVID-19, visto que não havia recursos suficientes para lidar com a crise.

Quadro 1 - Dados gerais

DADOS	NOVA ZELÂNDIA	BANGLADESH
PIB	211,7 B (USD)	373,9 B (USD)
IDH	0,936	0,469
densidade demográfica	19,1 hab/km ²	1.093 hab/km ²
extensão territorial	267.710 km ²	148.460 km ²

DADOS	NOVA ZELÂNDIA	BANGLADESH
votos nas últimas eleições	36%	87.33%
estabilidade política	90	45
saúde	81	42
leitos hospitalares/1000 pop.	2,57	0,79
médicos/1000 pop.	3,03	0,53

Fonte: Dados Mundiais, 2020.

Mesmo que Bangladesh não pudesse lidar de forma adequada com a situação, houve uma preocupação por parte do governo de Hasina na busca por conscientizar a população com o uso de máscaras e o distanciamento social. Assim, ainda que o país não tivesse condições de lutar contra a COVID-19, a postura da chefe de governo se mostrou indispensável e impactante.

Ainda que Bangladesh possua um PIB maior do que a Nova Zelândia, é considerado um país pobre, com um custo de vida alto, e a população detendo pouco poder de compra. Com um grande apoio popular, Sheikh Hasina é respeitada pelo povo e utilizou da comunicação para acalmar e ao mesmo tempo alertar a população bengali da periculosidade do vírus que se alastrava pelo mundo.

A estabilidade política foi retirada do site Dados Mundiais, e a métrica parte de uma escala de 0 a 100. A instabilidade presente em Bangladesh pode ter sido um fator que dificultou a gestão da pandemia no país, o que não impediu um resultado surpreendente na obediência da população no geral, o que pode ser explicado pela confiança na gestão da primeira-ministra, e o respeito à sua preocupação para com a conjuntura do momento.

Quadro 1.2 - Sistema de saúde público (% do PIB)

ANO	NOVA ZELÂNDIA	BANGLADESH
2009	9,7	3,4
2011	10,1	3,7
2014	11	2,8
2015	9,3	2,4
2017	9,2	2,3

Fonte: Index Mundi, 2020.

Aqui os resultados mostram que o país bengali não obteve resultados satisfatórios com relação ao investimento no setor de saúde pública, com suas notas retiradas do Index Mundi representando por vezes menos da metade dos resultados obtidos pela Nova Zelândia. Além de mostrar que não é um país que consegue garantir a saúde do seu povo, majoritariamente pela falta de recursos financeiros, também torna-se evidente que não houve um investimento nos últimos anos na saúde - o que poderia ser uma justificativa para um eventual desinteresse em proteger a população durante a crise sanitária.

Quadro 2 - Dados da pandemia (2020)

DADOS	NOVA ZELÂNDIA	BANGLADESH
data da primeira contaminação	28 de fevereiro	8 de março
número de casos de janeiro a junho de 2020	1.178	82.238
mortes por COVID-19 de janeiro a junho de 2020	22	1.783

Fonte: WHO, 2020.

Através dessas tabelas, fica claro que os resultados foram discrepantes. Ou seja, a questão econômica e de investimento na saúde pesa muito. Porém, o esforço da primeira-ministra bengali se destacou no cenário internacional e foi responsável pela diminuição dos números de contágio, que seria bem pior caso não houvesse tal intervenção.

3.2.1 - BOTSUANA

A necessidade de se acrescentar Botsuana na análise se deve ao fato de que o país não foi apenas o primeiro do mundo a reagir com relação à pandemia, mas também manteve de forma constante esforços reconhecidos posteriormente no mundo todo com relação ao fechamento de fronteiras e ao incentivo do uso de máscaras. Ademais, sua posição e sua comunicação eram similares às de Arden, Hasina, que por sua vez eram compatíveis com a governabilidade descrita nos conceitos de perspectivas femininas do poder.

Quadro 1 - Dados gerais

DADOS	BOTSUANA
PIB	14,93 B (USD)
IDH	0,633
densidade demográfica	3,4 hab./km ²
extensão territorial	581.730 km ²
votos nas últimas eleições	X
estabilidade política*	62

DADOS	BOTSUANA
saúde*	30
leitos hospitalares/1000 pop.	1,80
médicos/1000 pop.	0,37

Fonte: Dados Mundiais, 2020.

Com os dados sendo apresentados no mesmo padrão dos outros países, aqui é destacada a precariedade da saúde de Bangladesh, assim como a disponibilidade de leitos e médicos, e a estabilidade política estando pouco acima dos 60.

Quadro 1.2 - Sistema de saúde público (% do PIB)

ANO	NOVA ZELÂNDIA	BOTSUANA
2009	9,7	10,3
2011	10,1	5,1
2014	11	5,4
2015	9,3	5,5
2017	9,2	6,1

Fonte: Index Mundi, 2020.

Ainda que em 2009 os indicadores apontavam uma porcentagem de 10,3% no investimento da saúde pública, os dados coletados nos anos seguintes mostram que o país decaiu no setor. Seus resultados de contenção da COVID-19, porém, foram espelhos das políticas implementadas de forma incisiva e assertiva.

Quadro 2 - Dados da pandemia (2020)

DADOS	BOTSUANA
data da primeira contaminação	30 de março
número de casos de janeiro a junho de 2020	40
mortes por COVID-19 de janeiro a junho de 2020	1

Fonte: WHO, 2020.

Aqui, está registrado um resultado que reflete a política bem-sucedida de isolamento social e contenção do vírus, implementada de forma similar na Nova Zelândia e Bangladesh. Ainda que Botsuana tenha muitas dificuldades financeiras, o país é considerado um dos melhores em matéria de PIB e IDH entre os territórios que o cercam, o que facilita uma posição elevada no ranking de países com melhor desempenho na pandemia. O fator determinante, todavia, que garantiu com que o país tivesse o número surpreendente de uma morte em seis meses de pandemia, foi justamente a conduta do presidente botsuano, Mokgweetsi Masisi, perante os desafios iminentes.

3.2.2 - AUSTRÁLIA

Pelo mesmo motivo com que foi trazido o exemplo de Botsuana, também a Austrália demonstrou uma seriedade e rapidez no enfrentamento da pandemia incomum a países liderados por homens ao redor do globo. Todavia, foram considerados os fatores de isolamento físico do Estado, assim como a sua larga extensão territorial em detrimento do fato da população residir perto da costa; deixando, por consequência, o centro do país se encontra com a densidade demográfica baixa, o que pode ter facilitado tanto para o controle

do governo quanto para o isolamento em lugares distantes das grandes cidades. No entanto, a atuação do primeiro-ministro se faz notar, e pode ter tido uma grande influência nos primeiros meses da pandemia.

Quadro 1 - Dados gerais

DADOS	AUSTRÁLIA
PIB	1,327 trilhão (USD)
IDH	0,947
densidade demográfica	3,3 hab/km ²
extensão territorial	7.741.220 km ²
votos nas últimas eleições*	X
estabilidade política*	87
saúde*	87
leitos hospitalares/1000 pop.	3,84
médicos/1000 pop.	3,59

Fonte: Dados Mundiais, 2020.

Por meio dos números referentes ao nível de saúde e estabilidade política, além da contagem de leitos e médicos a cada 1000 pessoas, é possível compreender que a Austrália tinha bons índices e, portanto, boas chances de conter o vírus. Se não fossem os exemplos de contenção da COVID-19 mal sucedidos de diversos países que têm os mesmos índices positivos, seria fácil deduzir que tais fatores foram responsáveis pela boa performance da Austrália. O destaque, portanto, permanece como sendo da boa postura do governo australiano.

Quadro 1.2 - Sistema de saúde público (% do PIB)

ANO	NOVA ZELÂNDIA	AUSTRÁLIA
2009	9,7	8,5
2011	10,1	9
2014	11	9,4
2015	9,3	9,3
2017	9,2	9,2

Fonte: Index Mundi, 2020.

De forma similar, o desempenho da Austrália se manteve constante e positivo de 2009 a 2017, o que traz uma estabilidade para o setor que pode demonstrar não apenas um maior preparo logístico e processual durante a pandemia em 2020.

Quadro 2 - Dados da pandemia (2020)

DADOS	AUSTRÁLIA
data da primeira contaminação	25 de janeiro
número de casos de janeiro a junho de 2020	7.530
mortes por COVID-19 de janeiro a junho de 2020	103

Fonte: WHO, 2020.

A partir dessa tabela, é possível inferir que a Austrália conseguiu controlar a pandemia dentro do seu território, e que seus esforços, semelhantes aos da Nova Zelândia em performance e resultados, tiveram efeitos positivos.

3.3 - ANÁLISE UNIFICADA

Assim, é importante ressaltar que a pesquisa se esforça para entender a razão pela qual os países se deram bem nas políticas enquanto outros não; e faz uma comparação entre o resultado positivo e as perspectivas femininas de poder na prática. Portanto, para demonstrar de forma ainda mais precisa, o trabalho reuniu as principais características que formam o conceito de perspectivas de poder das teorias de gênero e identificou o que foi cumprido por cada um dos cinco países analisados.

QUADRO 3 - Características femininas do poder

MEDIDAS	Nova Zelândia	Reino Unido	Bangladesh	Austrália	Botsuana
Mês da primeira resposta à ameaça do vírus	Março	Fevereiro	Março	Março	Janeiro
Seguiu as diretrizes da OMS	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM
Comunicação clara entre o governo e a população	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM
Políticas de distanciamento social	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

MEDIDAS	Nova Zelândia	Reino Unido	Bangladesh	Austrália	Botsuana
Incentivo ao uso de máscara e álcool em gel	SIM ²	NÃO	SIM	SIM	SIM
Campanhas informativas	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

Foi constatado que os países seguiram diretrizes que outros países mal-sucedidos na contenção da pandemia não seguiram. Portanto, evidencia-se a importância da análise para a situação: um conceito que explica o sucesso de líderes mulheres e homens perante uma crise, com raízes em uma discussão acerca de gênero - que deixa claro que tem origem em uma construção social. É importante ressaltar, porém, que foi constatado que quanto mais tempo decorria da pandemia, mais os resultados das políticas de contenção oscilavam. Isso, portanto, limita a explicação do impacto das perspectivas femininas de poder para algo de curto prazo, que pode não explicar o contexto completo.

Os dados aqui apresentados inclinam-se para a conclusão de que os países que seguiram os protocolos dados pela OMS e agiram com rapidez, conseguiram controlar a pandemia e a quantidade de mortos e contaminados pelo vírus. A semelhança entre os líderes que seguiram esse caminho vai além do gênero: trata-se de uma postura política que se assemelha à debatida no primeiro capítulo deste trabalho - uma demonstração de confiança e poder alternativa à definição seguida por diversos líderes de Estado, academicamente identificada com as características das perspectivas femininas do poder. Como foi discutido no primeiro capítulo, tal conceito argumenta que poder difere da necessidade de dominação e hostilidade, traços tão presentes em discursos e conduta de diversos líderes. E foi constatado que os países cujos líderes demonstraram tal

² Aqui cabe um adendo: a Nova Zelândia focou no distanciamento social e no lockdown sem brechas, com o lema “hit hard, hit early”, e assim não precisou reforçar o uso de máscaras nos locais públicos, pois o coronavírus já estava controlado quando o lockdown foi descontraído.

comportamento em um primeiro instante, com relação ao anúncio da pandemia, obtiveram resultados desastrosos de contaminação e, de modo consequente, falecimentos.

Durante os primeiros meses, alguns países buscaram determinar a China como culpada pela disseminação do vírus, alegando inclusive que Pequim não comunicou devidamente sobre o risco que a COVID-19 traria para o mundo, além de subnotificar as mortes na China. A OMS foi acusada de esconder a informação de que a mutação do coronavírus era transmissível para o homem, tendo divulgado tal fato apenas quando um laboratório chinês o fez, com a comunidade científica (DIPLOMATIQUE, 2020).

Havia uma desconfiança generalizada pelas recomendações da OMS, reforçada pelo fato de que, por ser uma nova mutação do coronavírus, com a qual os cientistas ainda não sabiam lidar, haviam muitas controvérsias e diversas contraposições até mesmo dentro do meio científico. O que estava claro, porém, era que dos diversos agentes das RI, a mais capaz de responder às inúmeras perguntas acerca de uma crise sanitária ainda era a OMS.

Esse fato, portanto, norteou o comportamento de alguns poucos chefes de governo, que entendiam que sua população vinha antes da economia, assim como sabiam que quanto mais cedo fechassem e evitassem que o vírus se espalhasse, mais cedo o comércio poderia voltar ao normal. Em uma mistura de confiança nas organizações internacionais, estratégia de planejamento a longo prazo e empatia pelo povo, os líderes que seguiram por essa linha foram os que conseguiram conter de forma eficaz a COVID-19 dentro das fronteiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o presente estudo certificou-se de que todos os países envolvidos na pesquisa apresentaram características que remetem à definição de poder sob o prisma do feminismo - constatando que o Reino Unido não apenas foi o único a demonstrar resultados aquém do esperado pela capacidade econômica, como também não seguiu com as diretrizes recomendadas pela OMS. Ademais, constatou-se a presença de características de poder sob o entendimento feminista não apenas em mulheres, como em homens líderes também, o que amplia o debate das relações internacionais.

É necessário inferir, dessa forma, que o conceito deveria ser mais amplamente discutido no campo acadêmico, não se limitando à importante pauta da equidade de gênero, mas no que tange os líderes que tomam decisões que norteiam a vida de bilhões de pessoas mundo afora. Não sendo uma questão somente de representatividade feminina na política internacional, mas uma forma mais racional e justa de guiar a humanidade, para encontrar soluções para os novos problemas que o planeta enfrenta - como uma pandemia de alastramento nunca antes visto, devido ao fator da globalização.

A necessidade de mais pesquisas acerca do tema trabalhado neste estudo se torna visível através do fato de que ainda há contra-argumentos que podem, eventualmente, enfraquecer as conclusões aqui apresentadas. As questões econômicas, sociais, culturais e políticas de cada país, no geral, são importantes o suficiente na situação aqui avaliada para que seja possível analisar o caso sob a ótica de uma teoria ou um conceito apenas.

A pesquisa entende seu caráter transitório de intermediação, entre artigos previamente escritos ainda com a pandemia em seu auge, e os estudos que virão mais à frente, quando o vírus não for mais uma ameaça tão presente e que todas as análises e pesquisas tenham sido feitas acerca da pergunta: o que poderia ter sido feito diferente no surto de COVID-19 de 2020, para que possamos estar mais preparados para futuras possíveis pandemias?

Como afirmou Kissinger em seu artigo intitulado “O Coronavírus irá alterar para sempre a ordem mundial”³ (2020), “o mundo nunca mais será o mesmo após o coronavírus”. O sentimento de desconfiança poderá aumentar, o que nos traz a necessidade

³ Tradução livre de: “The Coronavirus will forever alter the world order”. 2020.

de rever o que é ser um país soberano e poderoso no século XXI, em que força bruta e comportamentos agressivos não são mais a saída para os problemas atuais. Isso leva a academia, quem sabe, a uma nova linha de pensamento, motivada pelos estudos de gênero, a impulsionar o centro das Relações Internacionais a implementar, com um papel condutor, as teorias de gênero aos debates de segurança internacional.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Amy. Feminist perspectives on power. **Stanford**, 2005. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entries/feminist-power/>>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

ARENDT, Hannah. Hannah Arendt: critical essays. **Suny Press**, 1994.

BLANKENSHIP, Jane; ROBSON, Deborah C. A “feminine style”; in women's political discourse: An exploratory essay. **Communication Quarterly**, v. 43, n. 3, p. 353-366, 1995. Disponível em: <doi:10.1080/01463379509369982>. Acesso em 25 de outubro de 2022.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. **Nova Fronteira**, 2014.

COONEY, Kara. When women ruled the world: Six queens of Egypt. **National Geographic Books**, 2018.

DADOS MUNDIAIS. Austrália. Disponível em: <<https://www.dadosmundiais.com/comparacao-paises.php?country1=AUS&country2=NZL>>. Acesso em 2 de maio de 2023.

DADOS MUNDIAIS. Botsuana. Disponível em: <<https://www.dadosmundiais.com/comparacao-paises.php?country1=BWA&country2=NZL>>. Acesso em 2 de maio de 2023.

DADOS MUNDIAIS. Nova Zelândia X Bangladesh. Disponível em: <<https://www.dadosmundiais.com/comparacao-paises.php?country1=BGD&country2=NZL>>. Acesso em 2 de maio de 2023.

DADOS MUNDIAIS. Nova Zelândia X Reino Unido. Disponível em: <<https://www.dadosmundiais.com/comparacao-paises.php?country1=GBR&country2=NZL>>. Acesso em 2 de maio de 2023.

European Centre for Disease Prevention and Control (ECDC) (2020). COVID-19 situation update worldwide, as of 30 June 2020. Disponível em: <https://www.ecdc.europa.eu/en/geographical-distribution-2019-ncov-cases>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

FAUSTINI, Ana Carolina Miguel et al. **Feminismo Pós-Estruturalista**. Disponível em: <<https://gedes-unesp.org/feminismo-pos-estruturalista/>>. Acesso em 05 de novembro de 2022.

FINLAYSON, Alan. From beliefs to arguments: Interpretive methodology and rhetorical political analysis. **The British Journal of Politics and International Relations**, v. 9, n. 4, p. 545-563, 2007. Disponível em:

https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1111/j.1467-856x.2007.00269.x?casa_token=pbKRZ9gY9sMAAAAAA:_iUpNhxDiU3su6dhM9018Xlpl24rbb5-gPaTod9vAFs8zw-lgO2uIK0qTwIYDM84tYEgpA5XRtts0>. Acesso em 18 de abril de 2022.

FOUCAULT, Michel. Discipline and punish: The birth of the prison, trans. **Alan Sheridan (New York: Vintage, 1979)**, v. 227, 1977.

GONZALEZ, Rodrigo Stumpf. O método comparativo e a ciência política. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 2, n. 2, 2008.

HOBBS, Thomas. Thomas Hobbes: Leviathan (Longman library of primary sources in philosophy). **Routledge**, 2016.

Index Mundi. Dados da Austrália. Disponível em: <Austrália - Gasto com saúde - Dados Históricos Gráficos (indexmundi.com)>. Acesso em 3 de maio de 2023.

Index Mundi. Dados de Bangladesh. Disponível em: <Bangladeche - Gasto com saúde - Dados Históricos Gráficos (indexmundi.com)>. Acesso em 3 de maio de 2023.

Index Mundi. Dados da Nova Zelândia. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=2225&c=nz&l=pt>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

Index Mundi. Dados do Reino Unido. Disponível em: <Reino Unido - Gasto com saúde - Dados Históricos Gráficos (indexmundi.com)>. Acesso em 3 de maio de 2023.

Index Mundi. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=2225&c=bc&l=pt>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. Introdução às relações internacionais—3a edição revista e ampliada: Teorias e abordagens. **Editora Schwarcz-Companhia das Letras**, 2018.

KISSINGER, Henry. The coronavirus pandemic will forever alter the world order. **The Wall Street Journal**, v. 3, n. 4, p. 2020, 2020.

KUMWENDA, B., & Mkandawire, T. (2021). COVID-19 Response in Botswana: The Role of Social Capital. **African Journal of Public Administration and Management**, 1-16.

LAKE, David A. Why “isms” are evil: Theory, epistemology, and academic sects as impediments to understanding and progress. **International Studies Quarterly**, v. 55, n. 2, p. 465-480, 2011.

Le Monde Diplomatique. Por que desconfiar das estatísticas chinesas sobre o coronavírus. Disponível em:

<<https://diplomatie.org.br/por-que-desconfiar-das-estatisticas-chinesas-sobre-o-coronavirus/>>. Acesso em 21 de maio de 2023.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 03, p. 483-505, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/8mFpyJkkjRyMxnsqxQBZ95z/?lang=pt>>. Acesso em 3 de novembro de 2022.

MILL, John Stuart. A lógica das ciências morais. **Iuminuras**, 2020.

MILLER, Jean Baker, 1992. “Women and Power” in Thomas Wartenberg (ed.), **Rethinking Power**, Albany, NY: SUNY Press.

MOORE, Gregory. Research methods for international relations studies: assembling an effective toolkit. In: **48th Annual International Studies Association Conference, Chicago (Illinois) February 28–March 3, 2007**.

NARAIN, Seema. Gender in international relations: Feminist perspectives of J. Ann Tickner. **Indian Journal of Gender Studies**, v. 21, n. 2, p. 179-197, 2014.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Should women rule the world? The Queens of ancient Egypt say yes. 2018. Disponível em: Queens of Egypt Ruled the World (nationalgeographic.com).

NETO, Renato Drummond. **Rainhas na Internet: a desconstrução de estereótipos e sua abordagem junto ao público do blog “Rainhas Trágicas”**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Recife, 2019.

DESROCHES-NOBLECOURT, Christiane. A mulher no tempo dos faraós. **Papirus**, 1994.

SMITH, Thomas W. History and international relations. **Routledge**, 2003.

SNYDER, Jack. One world, rival theories. **Foreign Policy**, no. 145, 2004, pp. 53–62. *JSTOR*. Acesso em 6 de novembro de 2022.

SUGUIAMA, Danielle Yumi. **O Daomé e suas amazonas no século XVIII e XIX: leituras a partir de Frederick Forbes e Richard Burton**. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/xmlui/bitstream/handle/11600/59766/DANIELLE%20YUMI%20SUGUIAMA.pdf?sequence=1>>. Acesso em 10 de abril de 2023.

TICKNER, J. Ann. Feminism meets international relations: Some methodological issues. **Feminist methodologies for international relations**, v. 41, 2006.

TICKNER, J. Ann et al. Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security. **Nova York: Columbia University Press**, 1992.

WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais. **Cortez Editora**, 2022. Disponível em: <https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2009/10/weber-metodologia-das-ciencias-sociais-parte-1.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2022.

WHO. Australia Coronavirus Disease Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/wpro/country/au>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

WHO. Bangladesh Coronavirus Disease Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/searo/country/bd>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

WHO. Botsuana Coronavirus Disease Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/afro/country/bw>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

WHO. The United Kingdom Coronavirus Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/euro/country/gb>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

WHO. New Zealand Coronavirus Disease Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/wpro/country/nz>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

World Data. Coronavirus Pandemic (COVID-19). Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

YIN, Robert K. (Ed.). Introducing the world of education: A case study reader. **Sage**, 2005.